



A vegetação e os animais desapareceram da área queimada do Parque de Itatiaia, que mais parece um carvoeiro abandonado

# Área arrasada por fogo será fechada em Itatiaia

Técnicos do Ibama acreditam que a medida facilitará a recuperação do parque

ANABELA PAIVA  
 no.com.br

Vítima costumeira da longa história de incêndios do país, o capim-de-anta tem até nome especial para depois do fogaréu. Quando queima, a planta de folhas verdes e cortantes, que chega a ter dois metros de altura, fica reduzida à base — uma espécie de tronco grosso e arredondado, ericão pelas folhas carbonizadas. O povo então a chama de cabeça-de-negro. Pois foram só cabeças-de-negro o que restou nos 600 hectares destruídos pelo fogo no Parque Nacional do Itatiaia. Na quinta-feira, no, acompanhou uma expedição de técnicos do Ibama, biólogos, representantes da prefeitura de Itatiaia, guias e hoteleiros que foram ver o tamanho do estrago. Saíram sujos de fuligem e decididos a preparar um laudo recomendando o fechamento da área afetada e a criação de uma série de medidas de controle sobre os visitantes.

Não se trata de burocracia. A vegetação calcinada precisa de tempo para se recuperar. “Se as pessoas começarem a caminhar por aqui, vão pisotear as plantas que começarem a brotar, abrir novas trilhas e acelerar a erosão do solo”, diz a bióloga Kátia Torres Ribeiro, que desde 1998 investiga a vegetação do planalto de Itatiaia. A entrada para a parte alta do Parque Nacional está fechada, embora 80% dos visitantes apareçam nos meses de inverno. Só vai reabrir, promete o diretor Leo Nascimento, quando a área queimada estiver isolada por faixas e forem criados procedimentos de segurança. Visitantes terão de agendar a ida ao planalto e grupos só serão admitidos com guias cadastrados pelo Parque. “Vão chiar, mas vão ter de fazer. A natureza já sofreu o dano. Agora, quem diz que gosta disso aqui vai ter de ajudar a consertar”, dizia ele, contemplando um vale povoado de cabeças-de-negro.

O fogo criou uma paisagem esturricada que parece saída de um sonho de carvoeiro. Onde antes era preciso abrir caminho pela folhagem, agora é campo aberto. Brejos secaram e as nascentes, já reduzidas pela longa seca, mingüaram mais ainda. O chão está coberto de fuligem e vazio de animais. Numa caminhada de um dia inteiro, o grupo avistou apenas alguns pássaros e um tatu assustado, com o couro marrom empedrecido pela fuligem. Nenhuma minhoca —

uma minhoca que chega a ter 50 centímetros, abundante ali — se arrastava. O dia era quente e o sol brilhava. Mesmo assim, não havia um único mabuia, espécie de lagarto típico de campos de altitude, esquentando o lombo sobre as rochas. “Antes, teríamos visto muitos deles”, comentou Eliane Gouveia, especialista em aves e filha de um dos grandes pesquisadores do Parque.

**Animais** — Não foram os únicos que sofreram. Das 66 espécies de mamíferos de habitam o Parque, 19 vivem acima da altitude de 2.400 metros, onde se localiza a parte alta da unidade. Entre eles, alguns em extinção, como a onça parda e o lobo-guará. Há ainda 364 tipos de pássaros e 14 anfíbios (dos quais sete, como o sanhaço frade e o sabiá do banhado, só são encontrados em campos como os de Itatiaia). Chefe da brigada de combate a incêndios, Marco Antônio Botelho, viu lebres chamuscadas e cobras queimadas pelo incêndio. “Com o vento, o fogo se propagou muito rápido. Muitos animais não conseguem escapar”, diz Eliana. Funcionário do Parque há 32 anos, Marco Antônio assistiu ao fogaréu dos anos 60, que lambeu por mais de um mês as encostas, e ao de 88, que levou 15 dias para terminar. “Mas nunca vi um incêndio mais violento, na rapidez com que se propagou”, conta.

Foi à tarde. Perdidos há uma hora e meia, exaustos e cortados pelos galhos de árvores, os paulistas Rodrigo Flório Moser e um amigo de 22 anos decidiram colocar fogo para atrair a atenção do guia do seu grupo. Do vale onde estavam, eles não podiam ver que a estrada principal do parque estava a poucos passos. Ironicamente, usaram para isso os folhetos que são distribuídos na entrada do parque com recomendações de preservação do lugar. A primeira delas era não fazer fogueiras. O fogo se espalhou. Rodrigo, com câmbios, não conseguia andar. Os dois foram resgatados por Anderson Neves, guia do Grupo de Excursionistas das Agulhas Negras. O fogo já tinha tomado uma encosta. “Pensei que a estrada iria barrar as chamas, mas o vento estava tão forte que a língua de fogo pulava até o outro lado”. O Ibama impôs uma multa de 900 mil aos incendiários, mas o parque deverá retornar ao verde muito antes que a batalha judicial sobre a culpa do

incêndio chegue ao fim.

Kátia Ribeiro foi das primeiras a conferir os estragos. O incêndio ainda não tinha terminado quando a bióloga de 30 anos enfrentou os 17 quilômetros de estrada esburacada para chegar à parte alta do parque. “Queria ver o que tinha acontecido ao meu jardim”, diz ela. Desde 1998 ela esquadrinha uma grande laje de pedra sobre a qual repousa uma das formações rochosas mais fotogênicas de Itatiaia, a Pedra da Tartaruga. Sobre a laje, em qualquer reentrância em que a terra se acumule, crescem bromélias, líquens e até arbustos, numa teimosa afirmação da vida. Especialista em plantas que crescem sobre rochas, Kátia escolheu a evolução das plantas neste mundinho como tema de sua tese de doutorado em ecologia, na UFRJ. No começo da pesquisa, chegou a acampar grávida, batendo queijo por causa das temperaturas negativas fora da barraca.

**Jardim** — Hoje, ela conhece cada minúsculo broto que cresce por ali. “Tinha uma plantinha aqui”, diz ela, revirando o cascalho miúdo que se acumulou numa fenda, para revelar uma planta quase microscópica. Para seu alívio, as chamas não conseguiram galgar ao alto da rocha e o jardim de Kátia ficou intocado. Mas o vale em torno, que costumava ser verde, está calcinado. Duas semanas depois do incêndio, as cabeças-de-negro aspiram virar capim de anta de novo e começam a rebrotar. “Uma parte das plantas é mais resistente ao fogo e consegue se recuperar rapidamente. O problema é que, depois de um grande incêndio, elas tendem a crescer muito mais rápido que as outras e se tornam dominantes. A variedade de espécies que havia diminuí bastante”, explica a bióloga. Em algumas áreas, o próprio solo formado de turfa, a acumulação de anos e anos de folhas e galhos decompostos, queimou. “Saía fumaça debaixo do chão”, conta o excursionista Anderson. Sementes e raízes que poderiam brotar agora viraram carvão.

É bom esclarecer o que se está perdendo. A vegetação ali é a de campos de altitude, uma flora que no Brasil está restrito aos topos de montanha do sudeste. O Parque de Itatiaia é a maior reserva dos campos de altitude do Brasil. São 50 quilômetros de uma vegetação que à primeira vista pode parecer pouco

mais que um capinzal, mas que têm espécimes tão surpreendentes que fascinou muitos dos grandes naturalistas que passaram pelo Brasil, como Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich Phillipp von Martius, que se maravilharam por encontrar lá plantas originárias do Sul do Brasil e outras que só ocorrem ali e nos Andes. São 550 espécies, das quais 11% só existem ali. “Este lugar é um tesouro”, diz Kátia, planejando fazer um novo estudo sobre a recuperação do parque.

A vegetação da parte alta do Parque de Itatiaia — a parte situada abaixo da linha de 2.400 metros é coberta de floresta — foi importada durante as glaciações que ocorreram no passado — a última foi há 18 mil anos. Nesta época, reza a teoria aceita pela maioria dos botânicos, as plantas de altitude aproveitaram o clima frio e seco para se espalharem. A vegetação campestre formou um contínuo entre o sul do país, o cerrado e o Paraguai, cujas fronteiras chegaram a invadir a Amazônia. Na mesma época, plantas das regiões andinas avançaram pelo Sul do Paraguai, formando uma rota que foi dar em Itatiaia. “Quando as temperaturas voltaram a subir, as florestas voltaram com força e os campos ficaram isolados nas áreas altas, onde o clima continuava frio e seco”, explica Kátia. O isolamento permitiu que boa parte das plantas evoluísse para formar novas espécies, como a orelha-de-burro e o próprio capim-de-anta.

**Brigada** — Há apenas um mês os morros de Itatiaia ganharam a proteção de uma Brigada de Prevenção de Incêndios Florestais — a PrevFogo. São 17 combatentes, que tiveram o seu batismo de fogo em um incêndio de proporções catastróficas. Não fossem eles, e o apoio de helicópteros, o desastre teria sido muito maior. Mas a segurança que eles oferecem, ainda tão recente, já tem data para terminar. O contrato dos brigadistas é temporário e termina em outubro, quando recomeça a estação de chuvas, conta o diretor Leo Nascimento. No entanto, no dia da visita de no., ao chegar ao mirante conhecido como Prateleiras, uma fumaceira manchava o céu azul, ao longe. Pelo celular, Marco Botelho acionou os brigadistas. “É fogo de agricultor ou palmeiro”, disse tranquilo. Só um dia normal no Parque Nacional de Itatiaia.